

Para um modelo do “code-switching” e a alternância de variedades como fenómenos distintos: dados do discurso galego-português/espanhol na Galiza

Celso Alvarez Cáccamo
Universidade da Coruña

Linguística Geral, Faculdade de Filologia
Universidade da Coruña
15071 A Coruña (Galicia, Spain)
lxalvarz@udc.es

Abstract

In this paper, a model is outlined for the interactional analysis of code-switching (CS) as a communicative phenomenon separate from the alternation of speech varieties (AL, *alternancia lingüística*) which is a purely structural phenomenon. Communicative codes are viewed as general mechanisms to manifest intentions at several levels of discourse organization. A given communicative code mobilizes and organizes sets of both linguistic and non-linguistic contextualization signals. A switch of communicative codes, or CS, is therefore a detectable recontextualization strategy by which contrasting sets of varied signals are deployed. CS may or may not involve AL, as language alternations may or may not be interactionally significant in terms of signalling intentions. The interplay between CS and language alternation results in four possibilities: (1) CS with AL (*CSconAL*); (2) AL without CS (*ALsenCS*); (3) CS without AL (*CSsenAL*); and (4) neither CS nor AL (*NinCSninAL*). The first three possibilities are examined and illustrated through the interactional analysis of two cases of Galizan-Portuguese/Spanish public discourse from two television programs. Finally, it is proposed that an interactional approach to CS must steer away from preconceived notions about languages in contact and their supposed, respective signalling values.

Key words: code-switching (CS), alternation of speech varieties (AL), interactional analysis.

Resumo

Neste traballo perfílase un modelo para a análise interaccional do *code-switching* (CS, alternancia de códigos) como un fenómeno comunicativo separado da alternancia lingüística (AL), que é un fenómeno puramente estrutural. Os códigos comunicativos son concibidos como mecanismos xerais para poñer de manifesto intencións en diferentes niveis da organización discursiva. Un código comunicativo dado mobiliza e organiza series de indicios de contextualización tanto lingüísticos coma non lingüísticos. Unha alternancia de códigos comunicativos, ou CS, é, xa que logo, unha estratexia detectable de recontextualización pola que son despregados conxuntos contrastados de sinais. O CS pode ou non conlevar AL, do mesmo xeito que a alternancia lingüística pode ou non ser interaccionalmente significativa en termos das intencións vehiculadas. A interrelación entre CS e a alternancia lingüística tradúcese en catro posibilidades: (1) CS con AL; (2) AL sen CS; (3) CS sen AL; (4) nin CS nin AL. As tres primeiras posibilidades son examinadas e ilustradas a través da análise interaccional de dous casos de discurso público galego/español, procedentes de dous programas de televisión. Finalmente, propónse que un enfoque interaccional do CS debe arredarse de nocións preconcebidas sobre as linguas en contacto e os seus supostos respectivos valores indicadores.

Palabras clave: alternancia de códigos (CS), alternancia lingüística (AL), análise interaccional.

1. Introdução¹

Praticamente todo o trabalho sobre o “code-switching”, ou comutação de códigos, tem-se baseado numa identificação estrita entre as noções de “código” e “variedade linguística”, seja esta uma língua, um dialecto, um estilo, ou mesmo um registo prosódico. Porém, esta focagem estrutural deixa sem explicar convincentemente certos fenómenos conversacionais relativos à relevância ou significatividade (ou ausência de tal relevância) das alternâncias entre variedades aparentemente em contraste.

Com efeito, é sabido que nem todos os pontos específicos de alternância entre variedades acarretam significados interaccionais evidentes. Para dar conta disto, Gumperz (1964) cunhou a noção “code-switching style”, quer dizer, um estilo caracterizado pela alternância frequente entre variedades. A noção foi mais adiante clonada por Poplack como “code-switching mode” (Poplack, 1980) ou por Myers-Scotton como “unmarked choice” (Myers-Scotton, 1976, 1983). Estes trabalhos propõem que, quando duas variedades alternam sem significatividade aparente, as “identidades” sociais ou interaccionais vinculadas às variedades originárias “colapsam” numa “terceira” identidade neutra (Heller, 1988). Seria o caso, por exemplo, da fala espanhol/inglês dos porto-riquenhos em Nova Jérsei (Poplack, 1980), ou de certas actividades dos rapazes francófonos em escolas bilingues de Montreal (Heller, 1988). Mas estas análises, ainda fortemente fundamentadas no reconhecimento apriorístico das variedades, colocam por sua vez o problema de como deslindarmos as alternâncias linguísticas não-significativas das significativas, e as alternâncias em si frente às variedades já mistas e estáveis².

Em segundo lugar, quando efectivamente podemos atribuir relevância a uma alternância específica de variedades, amiúde acontece uma projecção ou *deslocamento* de significados indéxico-sociais (Alvarez-Cáccamo, 1996) das variedades. Por exemplo, nos dados analisados sobre discurso referido na Galiza, o deslocamento consiste na reprodução das palavras duma pessoa na língua em que provavelmente estas palavras *não* tiveram lugar,

¹ Os dados e argumentos principais deste trabalho foram apresentados no *I Simposio Internacional sobre o Bilingüismo* (Universidade de Vigo, Outubro 1997), nos colóquios do *UC Berkeley Sociolinguistics Discussion Group* (Maio 1998) e nos *Colóquios sobre Discurso e Sociedade* da Universidade da Corunha (Janeiro 1999). Agradeço-lhes a todos os participantes destes encontros os seus comentários e críticas, agradeço-lhe muito especialmente a Peter Auer as nossas extensas conversas sobre a natureza do *code-switching* e das alternâncias linguísticas.

² A questão é abordada em detalhe por Auer (1998a, 1998b, 2000). Em Auer 1998a, apresenta-se um contínuo sociolinguístico e histórico de fenómenos numa comunidade, que iria do “code-switching” mais “pragmático”, passando pela “mistura de línguas”, até aos “lectos fusionados” “gramaticalizados”. A proposta de Auer é extremamente ordenada e cuidadosa, mas, em minha opinião, deixa ainda sem resolver a visão estrutural dos “códigos” comunicativos, o qual coloca por sua vez perguntas crescentemente complicadas sobre o estatuto linguístico das supostas variedades em alternância. Uma das perguntas mais singelas deste tipo é: uma vez que, num grupo ou comunidade bilingue, o “code-switching” constante entre A e B deu lugar a um “lecto fusionado” AB, como delimitarmos os novos pontos de alternância entre este lecto AB e uma das variedades monolíngues A, B? Por exemplo: se supomos que o “castrapo” da Galiza pode ser interpretado como um lecto fusionado Galego+Espanhol (GE), e visto que também se observam os usos “unilíngues” G e E em indivíduos que usam GE, como detectaremos aí os pontos de “code-switching”? Poderemos assistir ainda a uma nova “mistura” GE+E, por exemplo? Sairá daqui um novo lecto GEE? E assim por diante. O problema não é alheio à consideração do estatuto das variedades em situações de contínuos crioulos. O que distorce a análise de Auer pode ser a introdução do critério interaccional para a definição dum dos termos (“code-switching”) enquanto os outros (“language mixing” e “fused lects”) são definidos estruturalmente.

com propósitos estilísticos e de assinalamento identitário. Assim, no discurso referido personagens de fala espanhola habitual são postas a falar em galego, ou vice-versa.

Com outras palavras, nem sempre cada um dos significados indéxico-sociais convencionalmente ligados a cada uma das variedades é o que está em jogo numa alternância dada. A pesquisa de Rampton sobre o *crossing* transidentitário entre adolescentes de Londres (Rampton, 1995), que manipulam os valores sociais do inglês britânico, do inglês jamaicano e de variedades crioulas, mostra também que uma pessoa pode assinalar “ser X” por meio da língua z, “ser Z” por meio da língua y, e assim por diante. Na minha própria pesquisa, tenho observado repetidamente que simbolicamente uma pessoa pode estar a “falar galego em espanhol” (por exemplo, por meio dum discurso gramatical e lexicalmente espanhol mas prosódica e foneticamente galego), ou estar a “falar espanhol em galego”, como é o caso de muitos neofalantes urbanos³. Woolard (1999, particularmente pp. 9-10 e 15-16) refere-se a estes casos galegos e a outros comparáveis como mostras de “simultaneidade”, entendida, por uma parte, como uma propriedade formal de certo discurso em contextos bilíngues, e por outra como a “coexistência de identidades” nos falantes⁴. Amiúde os falantes importam e exportam também translinguisticamente os valores do espanhol para o galego e vice-versa, a criarem vozes e registos que não são uma simples soma das línguas.

Enfim, dados abundam para pormos em questão os préconceitos de que, num contexto bilíngue, cada língua ou variedade assinala “o que tem que assinalar” consoante percepções comuns das falas em contraste⁵. Em definitivo, a análise interpretativa não deve estar subordinada à identificação *estrutural* daqueles objectos linguísticos que parecem contrastar no discurso falado simplesmente porque um investigador externo pode identificá-los (quer dizer, construí-los) como “distintos”.

Num certo sentido, na história interna do termo “code-switching” houve uma distorção dos postulados originais de, por exemplo, Gumperz (cristalizados em Gumperz, 1982, mas presentes em quase vinte anos de trabalho prévio) ou, se nos remontarmos ainda mais atrás, do próprio Jakobson (1961), a quem Gumperz deve parte da sua formulação do “code-switching”. Sem dúvida, para Gumperz, o “code-switching” é “indício de contextualização” não inerentemente na medida em que alternam partes de discurso aparentemente identificáveis como pertencentes a “variedades” distintas, mas na medida em que estes objectos são recursos comunicativos distribuídos socialmente (culturalmente) e, portanto, são métodos produtivos de assinalar identidades. Quando não existe tal contraste interaccional entre variedades aparentemente distintas em justaposição, acrescentaria eu, chamar ao fenómeno “code-switching” trai a concepção originária do fenómeno como um facto interaccional. Uma conclusão complementar que quero propor é que, paralelamente, quando pudéssemos detectar significados comparáveis de comutação de quadros

³ Para uma discussão dalguns casos, cfr. Alvarez Cáccamo (1990).

⁴ Por exemplo, no que Woolard chama a “nova identidade etnolinguística catalã”, ‘New Catalan’, os bilíngues fluídos podem alternar entre variedades como mostra de não quererem renunciar a nenhuma das identidades originárias “espanhola” e “catalã”. Sem dúvida, a visão de Woolard ainda parece reduzir as identidades a objectos quantificáveis que se pudessem somar ou restar.

⁵ Prego Vázquez (1997), por exemplo, discute como as escolhas entre formas como *leituga*, *leitugh*a e *lechugh*a em eventos de compra-venda na feira rural galega podem acarretar muito mais do que identidades “galegas” ou “espanholas”; a autora demonstra como as escolhas são indéxicas de contínuos de identidades sociais, cuja complexidade, afortunadamente para o raciocínio sociolinguístico, escapa às malfadadas dicotomias ao uso. Da mesma maneira, em Alvarez Cáccamo 1991 discute-se como já há dez anos o galego deixara de ter os valores indefectíveis de “informalidade” da “língua dominada”.

interaccionais ou de assinalamento de identidades *ainda sem detectáveis* “*alternâncias*”, em toda a lógica deveríamos interpretar isto como uma “*comutação de códigos*” significativa comunicativamente, com relativa independência dos procedimentos linguísticos ou discursivos empregados.

Neste trabalho, portanto, pretendo aprofundar na proposta previamente avançada (Alvarez-Cáccamo, 1998) de examinarmos o “*code-switching*” como um fenómeno comunicativo, não estrutural. Basicamente, proponho distinguir clara e definitivamente entre a alternância de variedades linguísticas ou *alternância linguística* (AL) como fenómeno estrutural e a *comutação de códigos comunicativos* ou “*code-switching*” (CS) como fenómeno discursivo interaccional. Para isto deveremos simultaneamente *reduzir o âmbito* do que se entende habitualmente por “*code-switching*” –do qual agora ficarão excluídos os casos de AL não-significativas– e *ampliá-lo* para dar conta de recontextualizações significativas efectivadas *sem* AL (mas, obviamente, por meio de outros procedimentos).

A proposta de analisarmos o “*code-switching*” desde dentro da interacção não é nova, sem dúvida, e é o pressuposto básico do trabalho de Auer (1988, 1989, 1998b, 2000) ou de Li Wei (1998; Li Wei e Milroy, 1995). Neste sentido, as indagações sobre a contextualização e recontextualização de Auer (1992) são basilares. O que eu pretendo é contribuir para um quadro analítico mais amplo, e aplicá-lo em detalhe a alguns casos do discurso galego-português/espanhol obtidos do discurso público televisivo.

2. Códigos e variedades

A primeira tarefa por abordar é portanto deslindarmos as noções de *código* e *variedade linguística*. Uma discussão detalhada da história dos códigos levar-nos-ia longe dos objectivos deste trabalho. Brevemente, desde os escritos de Roman Jakobson nos anos 50 e 60 sobre as línguas como sistemas para a comunicação, está amplamente generalizada na linguística a identificação das línguas como “*códigos*” (v. p. ex. Jakobson, 1959, 1961). Há, porém, numerosas ambiguidades e circularidades no trabalho do próprio Jakobson e posteriores a respeito do que constituiria um “*código*” linguístico frente a, por exemplo, um “*sub-código*”. E há também variadas interpretações e numerosas lacunas a respeito do que *faz* exactamente um código.

Para os propósitos deste trabalho, levaremos em conta a caracterização de Eco (1976) dos códigos como funções ou mecanismos interpretativos, não dispositivos puramente sintáctico-formais de conversão de sinais. Os códigos comunicativos são procedimentos gerais, prévios e relativamente independentes das línguas e variedades, que tanto falantes quanto ouvintes têm para assinalarem as intenções comunicativas e para interpretar estas intenções. Os códigos activam uma diversidade de recursos verdadeiramente multimédia, como sinais linguísticos e paralinguísticos (as “*línguas*”), prosódia, direcção do olhar, sinais e sistemas gestuais, cinésicos e posturais. O processo específico de operação dos códigos no nível cognitivo escapa dos limites deste trabalho. Baste com dizer que, obviamente, o binómio intenção-interpretação é uma acção concertada em que tanto emissor como receptor são igualmente activos.

Os códigos comunicativos são portanto os princípios gerais que num primeiro momento ligam as intenções comunicativas com conjuntos de sinais, e, a seguir, estes conjuntos de sinais com interpretações. Os sinais linguísticos, obviamente, contam-se entre estes sinais. Mas é importante salientar de novo que as línguas não são os únicos recursos de que dispomos. A evidência crescente de que a interacção humana é inerentemente

multimédia convoca a articularmos um modelo que dê conta dos modos integrais pelos quais os diversos tipos de sinais são activados⁶. Desta maneira, para assinalar intenções os seres humanos utilizamos códigos que mobilizam qualquer tipo de recurso ou sinal comunicativo de que dispusermos. E da mesma maneira que um código como o Morse não é o puro repertório de sinais (combinações de linhas e pontos) ligados a letras, também os códigos comunicativos não são os repertórios de sinais em si (verbais, cinésicos, etc.), mas os *princípios associativos abstractos* que relacionam estes sinais com os conteúdos.

Pela sua parte, as variedades linguísticas são conjuntos coerentes de traços e elementos linguísticos que são activados selectivamente pelos códigos comunicativos. Mas a independência entre códigos e variedades é suficiente como para gerar um bom número de possibilidades de assinalamento de intenções comunicativas, entre as quais *a alternância de variedades para indicar recontextualizações e realinhamentos* é apenas uma. É este caso – talvez o mais transparente – o que se entende classicamente por “code-switching”. Mas, se concebermos os códigos e as variedades como entidades de natureza distinta, é claro que da interacção entre ambos podemos obter objectos e fenómenos comunicativos muito mais ricos. Por exemplo:

–*O mesmo código comunicativo* pode activar *uma língua* para um interlocutor e *outra* para outro. É o caso das chamadas “escolhas não-recíprocas” nas conversas entre, por exemplo, neofalantes que usam uma variedade regularizada do galego e falantes habituais de galego que respondem em espanhol. O código formal que rege a distância comunicativa activa para o neofalante uma variedade neutra do galego “comum”, e para o galego-falante habitual a *sua* variedade mais formal: o espanhol, mais ou menos regularizado. Nestes encontros, amiúde a *comutação de códigos* consistirá em reduzir as distâncias, e o CS suporá o seguinte realinhamento conversacional: o neofalante reduzirá a distância utilizando também espanhol, quer dizer, a variedade que o galego-falante habitual pensa que o neofalante deve ter como coloquial! A partir desse realinhamento após o CS, as AL podem ser frequentes.

–*Um só código comunicativo* pode activar material sígnico de *duas ou mais* variedades distintas no discurso *do mesmo falante*. Como veremos, seguramente este é o caso de grande parte do chamado “castrapo”.

Comunicativamente, porém, não há nada extremamente interessante no facto de o material mobilizado por um só código “pertencer” a uma variedade “pura”, a duas, ou a uma variedade “mista”. E, sem critérios firmes para identificarmos o que possa ser a “língua base” da interacção, qualquer discussão a respeito da pureza ou hibridação das línguas é fútil, e não faz mais do que reforçar o “mito da separabilidade linguística” inteligentemente desmontado, por exemplo, por Gafaranga (s/d). Consequentemente, se as particularidades das “variedades” e as suas “alternâncias” nos escapam, atribuir significados a contrastes entre elementos *enquanto contrastes entre variedades* é profundamente arriscado. De novo, a

⁶ Este é sem dúvida o objectivo de Charles Goodwin (1981) no seu estudo da organização e da acção conversacional e das suas imbricações com os sistemas gestuais ou o olhar: “The work in this study provides empirical analysis of specific communicative behavior, such as utterances, sentences, phrasal breaks, and gaze; the codes organizing such behavior into relevant communicative messages, for example, a request and its answer; and the communications institution, the turn at talk, within which these phenomena are situated” (Goodwin, 1981: 169). Igualmente, Marjorie Goodwin (1996) revê diversos procedimentos de “comutação de quadro” (*frame shift*), colocando num mesmo nível os recursos linguísticos, discursivos, e proxémicos como articuladores dos realinhamentos conversacionais dos participantes.

visão estrutural das AL como “code-switching” recontextualizador apresenta aqui as suas limitações mais evidentes.

3. Code-Switching (CS) com e sem Alternância Linguística (AL)

Do anteriormente exposto deduz-se facilmente que as necessidades da interacção produzem constantes comutações de códigos comunicativos, que é ao que eu me refiro estritamente como CS, e que estes códigos podem ou não activar sinais linguísticos em alternância, a que me refiro como AL. No trabalho citado (Alvarez-Cáccamo, 1998) avanço que podemos identificar, pelo menos, códigos operando simultaneamente a três níveis da organização do discurso como processo interactivo:

(a) Os *códigos situacionais* operam sobre a “definição da situação”; mais especificamente, regem o assinalamento da nossa compreensão da situação, e o assinalamento das nossas intenções sobre a identificação social. Um código de situação é a *função* que relaciona elementos dos *quadros cognitivos* com sinais comunicativos (entre eles, por exemplo, o tom, a variedade ou língua dominante numa situação). Os códigos situacionais podem reger, portanto, o que se percebe como “língua preferível” num encontro. Por exemplo, é claro que uma variedade comum do galego-português da Galiza se manifesta como o idioma preferido de muitos eventos formais da TVG, mesmo quando alguns dos participantes utilizam o castelhano.

(b) Os *códigos de actividade* operam sobre a actividade ou episódio discursivo em curso, e organizam o assinalamento de intenções a respeito de tal actividade. Os códigos de actividade regem, por exemplo, as “parênteses ocultas” do discurso referido, o uso dos *verba dicendi*, pausas, mudanças de dicção e outros recursos (incluindo às vezes a AL) que assinalam uma mudança de vozes discursivas. Por exemplo, às vezes uma AL para o espanhol para levar a cabo uma actividade off-record dentro dum evento formal (v. p. ex. Alvarez Cáccamo, 1991) pode estar desencadeada por um CS. Obviamente, um CS comparável noutros eventos (ou no mesmo) pode activar outro tipo de procedimentos de contraste.

(c) Por último, os *códigos ilocucionários* operam directamente sobre as intenções ilocucionárias específicas (directivas, representativas, etc.). Claramente, as fronteiras dum acto ilocucionário e dum actividade podem coincidir. Por exemplo, de novo, no discurso referido a citação dum só enunciado dum personagem seria um destes casos. Mas os princípios comunicativos que regem o assinalamento da força ilocutiva do enunciado e da citação como actividade discursiva são de ordem diferente.

Devemos clarificar que esta classificação é puramente operativa e baseada, simplesmente, no amplo reconhecimento, na pesquisa sociolinguística, destes três níveis de organização discursiva. Os códigos, portanto, operam simultaneamente nestes vários níveis. Num sentido estrito, o CS deveria ser então *qualquer fenómeno de recontextualização que se possa atribuir a uma mudança de procedimentos globais de assinalamento das intenções comunicativas* (mudança de situação, de actividade, de acto de fala). Porém, muito temo que esta ampla reformulação requer ainda bastante trabalho justificativo, e na altura devemos simplesmente apontá-la como um caminho a explorar.

Em resumo, os códigos, directamente conectados com as intenções comunicativas, podem mobilizar recursos de assinalamento de ordem distinta. Estes recursos incluem as alternâncias (AL). Mas a relativa independência entre ambos os fenómenos é evidente.

A interação entre a presença ou não de alternâncias linguísticas, e a presença ou não de *code-switching*, produz quatro situações possíveis no discurso oral:

3.1. Code-Switching com Alternância Linguística (CScomAL)

Dá-se quando uma alternância linguística joga um papel na recontextualização da situação, no assinalamento de identidades previamente não destacadas, etc. É o caso típico de “CS situacional”, e é frequente, por exemplo (mas não predizível) na citação das palavras de alguém no discurso referido (v. p. ex. Alvarez-Cáccamo, 1993, 1996).

3.2. Alternância Linguística sem Code-Switching (ALsemCS)

Ocorre tipicamente no chamado “code-switching style”, que, como forma não marcada, do meu ponto de vista *não* deve ser considerado CS. Obviamente, neste estilo comunicativo uma primeira AL (por exemplo, a passagem do “discurso unilíngue” a “discurso misto”) pode também assinalar recontextualização pontualmente. Mas, se atendemos a que esta primeira alternância seria a significativa para mudar um quadro (por exemplo, do formal para o informal), as alternâncias subsequentes podem ou não ter relevância interaccional. Aqui as alternâncias podem operar como “indícios recorrentes de contextualização” (Auer, 1992), mas será questão empírica determinarmos em que casos específicos estamos perante CScomAL ou perante ALsemCS.

Por exemplo, é duvidoso que na Galiza no tipo de discurso galego-português/espanhol chamado “castrapo” cada ponto de alternância deva considerar-se um ponto de CS, e nem sequer que todo o estilo tenha um efeito significativo. Pode acontecer que a alternância significativa seja entre “discurso unilíngue em espanhol” e “discurso com elementos galegos”, numa sorte de alternância “em capas” como a examinada por Meeuwis e Bloomaert (1998) a respeito das alternâncias lingala/francês e sueili/francês entre imigrantes zairenses em Bélgica, ou por Rodríguez Yáñez (1995) a respeito das alternâncias galego/espanhol nas interações compra-venda do mercado de Lugo. Mas repararemos em que aqui o ponto de CS pode não corresponder estritamente com o ponto de AL (por exemplo, a fase ulterior da “familiarização” nas interações comerciais no mercado pode iniciar-se na “língua” prévia da fase da “compra-venda”, o espanhol, enquanto o CS para um quadro “familiar” já operou).

Numerosos casos de alternâncias lexicais poderiam entrar nesta categoria. Por exemplo, entre *verano* e *vrã* neste caso.

Caso C1995A. Transcrito a partir de notas escritas tomadas imediatamente depois.

1 fai um dia de calor → de verano ↓
2 ...
3 vai chega-lo verano ↑ e não vamos a ter ↓ esse vrã [ˈbraŋ]

ou entre *docena* e *dúzia* no seguinte:

Caso C970417. Mercearia, Corunha. C: Cliente; V: Vendedora. Transcrito a partir de notas escritas tomadas imediatamente depois.

1 C: ah, e huevos! ponha-me seis
2 V: da casa?
3 C: si (=sim)
4 ...

- 5 V: [serve os ovos]
 6 C: [com moedas na mão] quanto é
 7 V: cento setenta e cinco
 8 C: que caros!
 9 V: se queres leva de granja
 10 mira estes são cento cinquenta
 11 C: a dúzia, ou seis?
 12 V: [assinalando] estes são cento cinquenta a {[p] dúzia } ↓
 13 [assinalando] e estes duascentas dez a docena ↓

Obviamente, uma análise detalhada poderia achar algum tipo de contraste entre os enunciados 12 (com *dúzia*) e 13 (com *docena*). Mas igualmente poderiam achar-se contrastes entre outros pares lexicais. As reformulações de elementos lexicais na direcção duma norma culta (p. ex. *olvidar* → *esquecer*) são frequentes na fala formal na Galiza actual, e podem assinalar diversas formas de *ideologização* da conduta linguística (Alvarez-Cáccamo, 1993, sobretudo pp. 9-12); mas isto não significa necessariamente que estejamos perante casos de CS; a questão, de novo, deve ser examinada empiricamente.

3.3. Code-Switching sem Alternância Linguística (CSsemAL)

No CSsemAL serão outros os recursos de assinalamento (incluindo marcadores discursivos, sistemas gestuais, cinésicos, proxémicos, paralinguísticos, prosódicos, etc.) os que operem fundamentalmente para a recontextualização. Por continuar a comentar as interacções compra-venda, o comprador numa interacção tal pode reconhecer que se passa para uma segunda fase não pela “língua” escolhida pelo vendedor, mas por uma série de indícios directamente conectados com as próprias metas interactivas. Obviamente, este CS deve dar-se também em situações *unilíngues* comparáveis. Seria contra-intuitivo supor que os princípios comunicativos gerais –quer dizer, os próprios códigos– dependem indefectivelmente da disponibilidade, para o falante, de recursos “bilíngues”. É claro que a AL pode fornecer significados adicionais; mas isto não invalida o facto de que, quando os falantes fazem mudar os parâmetros de interpretação comunicativa a respeito das metas, identidades situadas, objectivos ilocucionários, etc., fá-lo-ão tanto se “outra língua” está aí como se não está. Supor o contrário seria acreditar no défice comunicativo do discurso unilíngue, o qual, embora atraente em termos propagandísticos, está bastante afastado da realidade das práticas comunicativas.

3.4. Nem AL nem CS

Em princípio, a ausência de AL e de CS pareceria ser o “discurso unilíngue” por excelência. Mas, na realidade, se a recontextualização é inerente à comunicação, só podemos concluir que NemALnemCS só seria o caso de breves fragmentos (internamente unilíngues) activados por uma mesma intenção situacional, organizativo-sequencial, ou ilocucionária. Contudo, como se supõe que neste caso (NemALnemCS) não há qualquer fenómeno salientável em termos de realinhamentos interaccionais, seria irrelevante para os propósitos deste trabalho determo-nos a delimitar quando *não* há nem CS nem AL.

4. Os casos

A seguir, examinaremos dois casos que ilustram as relações explicadas entre CS e AL. O objectivo desta análise é apenas mostrar a existência da CS e AL como fenómenos

distintos, e incidir num método interpretativo que escava em vários níveis da organização discursiva. Não se procura fazer generalizações sobre a prevalência duma ou outra estratégia de CS e/ou AL num tipo de discurso ou outro. Singelamente, partimos da existência duns princípios e recursos comunicativos gerais que podem entrar na ordem conversacional em muito diversos encontros face-a-face.

4.1. Caso 1. CScomAL, ALsemCS e CSsemAL

Para a ilustração do CScomAL, a ALsemCS e o CSsemAL examinaremos um fragmento procedente dum debate televisado entre representantes de partidos políticos durante a campanha eleitoral de 1997 ao parlamento autónomo da Galiza⁷. O representante do *Partido Socialista de Galicia - PSOE*, Miguel Cortizo, está a replicar a argumentos feitos por um membro do Partido Popular sobre o “prestígio” e a “presença internacional” do então presidente em funções do governo galego Manuel Fraga Iribarne como garantia do seu liderado. No fragmento, Cortizo cita indirectamente estas palavras numa actividade discursiva diferenciada e delimitada do discurso prévio e posterior pela coocorrência de AL e padrões prosódicos característicos⁸:

CASO 1. Evento DT971009. Debate Eleitoral, TVG, 9-Outubro-97. TS: Tino Santiago, apresentador; MC: Miguel Cortizo, representante da coligação PSOE-EU-Os Verdes.

```

1      TS      senhor cortizo ↓
2      MC      si
3              e- eu quixera recordar falando de europa
4              ... a cumbre
5              na que
6              na que se concretárom os fondos estruturais
7              e os fondos de coesião social
8              a dura posição de negociação de es*panha
9              e que dou como resultado que aquí em galícia
10             por exemplo tenhamos os fondos infop para a pesca
11             m com uma quantia eh bastante alta
12             pero que naquele momento::
13             a a negociação de felipe gonzález →
14             foi::: qualificada polo senhor aznar como →
15             ir de pedigüeño ↓
16             bueno
17             aora no-los querem quitar
18             e em europa querem reduzir os fondos
19             e passa o que passa ↓
20             ...
21             se falava de negociar em bru*sse:las →
22             e se f- .. metia polo médio →
23             {[ac] claro como este é um programa em eleições
24             galegas po- } -

```

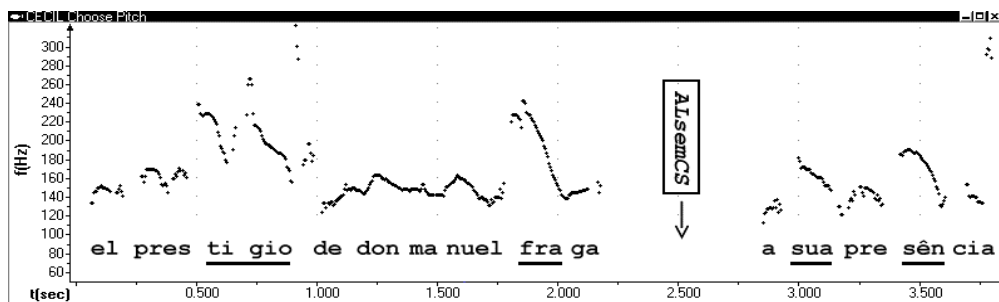
⁷ Os dados fazem parte do Projecto ADPA, Análise do Discurso Público Actual, de membros da Área de Linguística Geral da Universidade da Coruña e de Teoria da Literatura da Universidade de Valladolid. O Projecto ADPA está financiado polo governo autónomo da Galiza (XUGA10403B94).

⁸ A transcrição de dados do galego-português da Galiza, amiúde fortemente castelhanizado, apresenta dificuldades particulares quanto à predizibilidade da pronúncia. Neste trabalho adapta-se a norma padrão para certas pronúncias galegas. Assim, *quixera*, *concretárom* ‘concretaram’, ou os castelhanismos do tipo *coesião* ‘coesão’ (com [ðŋ] final), *naquel* ‘naquele’, *presência* ‘presença’, etc. Para as convenções de transcrição, ver o *Apêndice*. Apenas se assinalam os fenómenos prosódicos mais salientáveis.

23	➔	CScomAL	el pres*tigio de don manuel *fraga →
24	➔	ALsemCS	a *sua pre*sência →
25	➔	CSsemAL	{[p] mire } ↓
26			eu o que sei ↑
27			ao longo destes anos no parlamento ↑ é que manuel fraga →
28			v:iaja a túnez →
29			v:iaja a irão →
30			viaja a lugares deste tipo → pero *não o *vim negociando nunca em brusselas ↓
31			nem nas capitales europeias →
32			com *líderes europeus →
33			que *não o recibírom ↓

Interessa-nos sobretudo a sequência das linhas 23-25, onde se dá uma mudança de actividade para o discurso referido. Esta mudança está inicialmente codificada por uma AL do galego para o espanhol (23, *el prestigio de don manuel fraga*). Porém, na segunda parte da suposta citação das palavras do membro do PP, Miguel Cortizo volta para o galego (24, *a sua presença*). Finalmente, Cortizo começa a nova actividade da argumentação (25-33) com uma apelação linguisticamente sincrética ou ambígua (*mire*) emitida num volume suave ou “piano”.

O fragmento deve interpretar-se da seguinte maneira: na codificação de intenções comunicativas, o falante recorre a muito mais do que a escolha de variedades linguísticas. Há duas linhas de significação (gramatical e prosódica) que correm paralelas, mas que não se superpõem exactamente. Gramaticalmente, o galego ocupa as linhas 1-22 e 24-33; o espanhol, apenas a linha 23. Prosodicamente, porém, há um contorno entoativo particular que ocupa tanto a linha 23 em galego como a 24 em espanhol. A Figura 1 representa estes contornos no fragmento 23-24⁹.



Como se pode observar, os pontos de AL não coincidem com os pontos de CS, quer dizer, com os pontos de recontextualização significativa das actividades comunicativas. A actividade de “citação” (23-24) é separada da voz do narrador e da apelação seguinte (25)

⁹ A curva entoativa foi obtida com o programa de domínio público *SpeechAnalyzer for Windows*, do *Summer Institute of Linguistics*, sobre uma mostra do fragmento a 44.100 Hz.

pola coocorrência de: (a) tempo decelerado, e (b) um contorno entoativo de “duplo circunflexo” sobre cada um dos enunciados 23 e 24; em sublinhado, indicam-se as sílabas de frequência fundamental mais alta:

el prestígio de don manuel fraga .. a sua presência

Estes acentos de frase contrastam com os segmentos não acentuados, e, em conjunto, o padrão entoativo contrasta com o enunciado prévio (22, claro como este é um programa em eleições galegas po-), emitido num tempo muito mais rápido e sem padrões acentuais de frase distintivos. Por fim, a apelação *mire* (25) é enunciada num registo prosódico mais baixo e está separada do discurso circundante por pausas.

Mas, que podemos dizer da função contextualizadora das AL? A AL para o espanhol em 23, em combinação com a prosódia indicada, canaliza um CS, quer dizer, serve aqui como um “indício de contextualização inicial” (Auer, 1992) para contrastar vozes sociais e interaccionais. Pelo contrário, a AL *para o galego* em 24 é já *interaccionalmente irrelevante*, e não é activada por qualquer CS. Examinemos em detalhe este último argumento.

Suponhamos que o falante tivesse feito toda a citação em espanhol, inclusive a linha

24:
 22 {[ac] claro como este é um programa em eleições galegas po- } -
 23 *el pres*tígio de don manuel *fraga* →
 24 **su pre*sencia* →
 25 {[p] mire} ↓

Nesse hipotético caso, uma análise habitual diria, incontestavelmente, que tanto a passagem para espanhol de 22 a 23 quanto a passagem para galego de 24 a 25 constituiriam “code-switching”. Ora, se retornássemos aos dados reais do fragmento, pareceria contra-intuitivo pensar que este procedimento de recontextualização de tarefas discursivas em 25 (de citação para apelação) *não* se daria simplesmente porque o enunciado 24 fosse em galego. Portanto, devemos concluir logicamente que em 25 se deu uma comutação de códigos comunicativos ou CS *com independência da língua utilizada no enunciado prévio*, 24. A segunda conclusão é também evidente: a AL em 24 no caso real não tem função visível na recontextualização da actividade.

Reparemos que esta argumentação geral se aplica também à citação de Miguel Cortizo nas linhas 13-15, onde contrastam a voz do narrador com a voz da personagem “o senhor Aznar”:

13 a a negociação de felipe gonzález →
 14 foi::: qualificada polo senhor aznar como →
 15 → CS *ir de pedigüeño* ↓

Claramente, o enunciado 15, *ir de pedigüeño*, canaliza outro processo de CS semelhante no discurso referido. Provisoriamente, transcreveu-se 15 em “espanhol”. Estritamente falando, *pedigüeño* em galego-português da Galiza seria *pedichão*, mas nesta altura da castelhanização já nem se sabe o que é que é e que língua é. Portanto, visto que é impossível determinar se o elemento lexical produzido [peḃi'ɫwɛɲo] é “espanhol” ou “galego coloquial” (quer dizer, castelhanizado), e visto que conversacionalmente também não há indício qualquer que nos revele a *orientação* do falante face ao segmento como

“galego coloquial” ou “espanhol”, a conclusão mais lógica é que 15 canaliza CS, de novo, *com independência* da “língua” utilizada¹⁰.

Em resumo: uma aproximação tradicional tentaria determinar se em 15 há ou não uma AL, que seria assim chamada “code-switching”. A minha proposta é a inversa: detectarmos se há ou não CS interaccional e, a seguir, explicitarmos os recursos assinaladores utilizados, incluída a AL se a houver. No caso da citação *ir de pedigüeño* a primeira parte da questão (“há CS?”) tem resposta afirmativa; a segunda (“há AL?”) fica aqui sem responder.

4.2. Caso 2. CSsemAL

O seguinte exemplo patenteia aspectos semelhantes a respeito das definições locais das “línguas” e variedades. A mobilização de duas formas em contraste dentro que aparece sem dúvida como fala unilíngue servirá para contextualizar o final duma actividade e para facilitar o começo duma nova. Esta recontextualização é, de novo, um caso de CSsemAL.

No fragmento, o coordenador da 34^a Feira do Marisco do Grove, Xesús Casal (XC) é entrevistado no canal público TVG. A entrevistadora pede-lhe a XC descrever uma campanha institucional em curso destinada a informar os compradores sobre as características do marisco galego, para que os vendedores não dêem às pessoas gato por lebre (11) com o marisco estrangeiro:

CASO 2. Evento ET971007C. Entrevista no programa “Cada día” (VT901007), TVG, 7-Outubro-97. Entrevistadora: Yolanda Vázquez (YV). Entrevistado: Xesús Casal (XC), Coordenador da 34^a Feira do Marisco do Grove.

1	YV	a ver → fale-me disso ↓
2		si porque chega um momento -
3		ademais sabemos que hai campanha →
4		pois entre vostedes e →
5		e e a própria conselheria de pesca ↑
6		que que pretende ↑
7		.h fazer-nos conhece:r →
8		*como distinguir o marisco *nosso →
9		das nossas rias →
10		do marisco que nos chega de fora ↑
11		para que não nos deam gato por lebre ↓ não ?
12	XC	si efetivamente ↓
13		a campanha de qualquer jeito é da conselheria de pesca ↑
14		*n:ós o que fazemos é levá-lo →
15		cada vez que vamos fora de galicia →
16		com a festa do marisco →
17		bem à presentación que se fai todos os anos →
18		bem à outra que se fai: .. em madrid →
19		concretamente em alcobendas ↑

¹⁰ De novo, a tentação mais fácil seria concluir que o falante está a reproduzir as palavras textuais de José María Aznar, que teriam lugar em espanhol. Ampla pesquisa, porém, demonstra-nos que o “evento modelo” ou “discurso referido hipotético” (Haberland, 1986) enactuado sofre todo tipo de distorções sócio-estilísticas, entre elas o “deslocamento” na escolha de língua atribuída à personagem citada.

Actividade B

14 *n:ós o que fazemos é levá-lo →
 ...
 20 é levar esse folheto →

Actividade C

21 para que a gente: →
 22 saiba distin*guir: →
 ...
 27 eh para que o sepam distinguir ↓

O enunciado 27 termina com uma junção entoativa descendente, que tipicamente assinala uma mudança de actividade, e é emitido num tempo ligeiramente mais rápido do que os seus equivalentes 21-22. Além disso, como indicado, aqui a forma utilizada é *sepam*, não *saiba*.

O meu argumento é que 27 constitui um caso de CS em virtude da *coocorrência* de vários sinais comunicativos que separam o enunciado do discurso prévio ao mesmo tempo que o ligam à próxima actividade, D. O falante aqui deve gerir *conjunta e simultaneamente* várias intenções comunicativas conectadas com: (a) restrições sobre a situação comunicativa (a entrevista), conduzida inteiramente em galego; (b) a consecução e encerramento circular da actividade descritiva C, e do episódio B-C; (c) a abertura de espaço interactivo para o quadro interaccional de D, onde se invocam solidariedades locais e identidades “galegas”; e (d), obviamente, a força ilocucionária do acto representativo 27.

Portanto, os códigos comunicativos de situação, de actividade e de acto de fala operam simultaneamente para manifestar intenções. Observemo-lo em detalhe.

Em primeiro lugar, o enunciado 27 contrasta com os de 21-22 em termos do valor sócio-indéxico das variantes *sepam* e *saiba*. Esta última forma dá-se no galego regularizado e é assim indéxica da identidade “oficial” do falante, que parece estar a reenactuar fala informativa prévia sobre a importância de distinguir entre o marisco galego e o que vem de fora (24). Em contraste, a forma *sepam* soa mais espontânea e alude a uma identidade “pessoal”. Porém, não se detecta aqui *nem* um “erro” conversacional reparável *nem* um intuito de maximizar os contrastes indéxicos através de dois estilos de fala claramente discerníveis.

Em segundo lugar, a colocação do enunciado 27 na segunda parte da estrutura paralelística e as suas propriedades formais (junção final descendente) são cruciais para interpretá-lo como uma *coda* ou procedimento parentético em termos da gestão da informação.

Por último, é a combinação dos significados indicados que confere a 27 a sua função recontextualizadora. O problema conversacional de XC aqui parece ser: ‘uma vez feita a descrição das nossas actividades, como concluir a intervenção?’. O valor de maior coloquialidade de *sepam* soluciona isto, projectando a intenção do entrevistado de produzir a actividade afiliativa D, e orientando os ouvintes face a este novo alinhamento entre entrevistado e entrevistadora.

É precisamente aqui que radica o CS dá na linha 27. Em resumo, o CS é detectável pela mobilização de todos estes recursos: o contraste entre duas formas lexicais (sem uma AL explícita), a organização discursiva paralelística, e factores prosódicos como a hesitação

e breve pausa prévia a 27. Aqui a *comutação de código comunicativo* consiste na produção dum enunciado localmente significativo e formalmente complexo que, como uma porta oscilante a bater, *encerra* uma actividade enquanto *abre* a próxima.

Por isto mesmo, poder-se-ia incluir formalmente 27 na Actividade D, não na C. Mas todo o intuito de reduzir o discurso a uma série de sequências justapostas é limitado. As ligações intertextuais dos recursos e elementos são ricas e densas demais como para isolarmos nelas funções únicas. O enunciado 27, parece claro, recontextualiza o evento, mas não apenas em função do que já aconteceu nele, mas também do que *vai* acontecer. Isto patenteia mais uma vez o duplo atributo das acções comunicativas como *configuradas pelo contexto* e *configuradoras do contexto*, e, de novo, lembra-nos a discussão de Marjorie Goodwin (1996; v. nota 6) sobre as mudanças de quadro ou *frame shifts* que consistem em realinhamentos activados por procedimentos interaccionais tanto verbais quanto paralinguísticos ou gestuais.

Obviamente, poderíamos indagar mais neste exemplo para achar outros casos de CSsemAL. Estritamente falando, cada mudança de actividade acarreta potencialmente uma mudança de código entendido como princípio geral para a comunicação de conteúdos intencionais. Porém, para não esvaziar o sentido proposto do CS, limitei-me aqui a exemplificar as relações entre CS e AL. O objectivo da análise foi mostrar como, apesar de parecer que “acontece algo” por uma suposta AL, a suposta AL não é tal, e o que “acontece” (o CS) deve ser explicado em termos da coocorrência dum série de acções e recursos discursivos.

5. Conclusões

Como se terá observado, o modelo proposto para a distinção entre CS e AL deve muito às produtivas e basilares noções de *contextualização* e de *indício de contextualização* (Gumperz, 1982). Desta óptica, a noção de “código” aproxima-se muito dum princípio geral de contextualização, ou princípio geral de organização dos indícios contextualizadores, e a noção de CS aproxima-se das mudanças significativas na contextualização e das mudanças de quadro interaccional. Porém, se para Gumperz o “code-switching” era *um* dos *contextualization cues*, ao lado da prosódia e outros recursos, (Gumperz, 1982: 131), eu proponho atribuir a etiqueta AL a esse “code-switching”, e reservar a etiqueta CS para a comutação dos *códigos comunicativos* subjacentes, quer dizer das funções associativas gerais que activam, mobilizam, articulam e organizam os recursos comunicativos.

Neste trabalho, o meu desejo não foi somente confundir ainda mais o desenfreado léxico sociolinguístico actual, embora saibamos que de toda confusão terminológica (como foi a da própria origem de “code-switching”) sempre sai alguma ideia proveitosa para engrossar o currículo... dos outros. O meu intuito foi, antes, contribuir para focar o estudo *da* interacção humana *na* interacção humana, não nos escorregadiços prejuízos linguísticos que conferem às “línguas em contacto” valores nem sempre demonstráveis. Talvez um subproduto deste meu trabalho (e não o menos intrascendente) possa ser um apelo à mesura dos investigadores e estudiosos à hora de reproduzirem nas suas pesquisas certas incertas premissas do paradigma dominante no florescente campo do “code-switching” e do “bilinguismo”.

Apêndice. Convenções de transcrição

→ ↑ ↓ - ?	juntura entoativa final sustida, ascendente, descendente, truncada ou interrogativa
{[p]}	<i>piano</i> , enunciação mais suave
{[ac]}	tempo acelerado
*	acento enfático ou contrastivo
..	pausa breve (menos 0,5 seg.)
:	som prolongado
.h	inspiração de ar
hehh	risos
[]	comentários acrescentados

Referências bibliográficas

- Alvarez Cáccamo, C. (1990). "Rethinking conversational code-switching: Codes, speech varieties, and contextualization". Em *Proceedings of the Sixteenth Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society, February 16-19, 1990. General Session and Parasession on the Legacy of Grice*. Berkeley: Berkeley Linguistics Society, 3-16.
- ___ (1991). "Language revival, code manipulation and social power in Galiza: Off-record uses of Spanish in formal communicative events". Em C.A. Klee (ed.). *Sociolinguistics of the Spanish-speaking world: Iberia, Latin America, United States*. Tempe (AZ): Bilingual Press / Editorial Bilingüe, 41-73.
- ___ (1993). "The pigeon house, the octopus, and the people: The ideologization of linguistic practices in Galiza". *Plurilinguismes* 6, 1-26.
- ___ (1996). "The power of reflexive language(s): Code displacement in reported speech". *Journal of Pragmatics* 25 (1), 33-59.
- ___ (1998). "From 'switching code' to 'codeswitching': Towards a reconceptualisation of communicative codes". Em P. Auer (ed.). *Code-Switching in Conversation. Language, Interaction and Identity*, Londres: Routledge, 29-48.
- Auer, Peter (1988). "A conversation analytic approach to code-switching and transfer". Em Monica Heller (ed.). *Code-switching: Anthropological and Sociolinguistic Perspectives*. Berlin: Mouton de Gruyter, 187-213.
- ___ (1989). A discussion paper on code alternation. Trabalho apresentado em *First Conference of the European Network on Code-Switching on Concepts, Methodology and Data*. Bâle, Janeiro 1989.
- ___ (1992). "Introduction: John Gumperz' approach to contextualization". Em P. Auer & A. di Luzio (eds.). *The Contextualization of Language*. Amsterdam: John Benjamins, 1-37.
- ___ (1998a). "From code-switching via language mixing to fused lects: Toward a dynamic typology of bilingual speech". *InLiSt. Interaction and Linguistic Structures* 6: Universität Konstanz, 26 pp.
- ___ (1998b). "Introduction: *Bilingual Conversation* revisited". Em P. Auer (ed.). *Code-Switching in Conversation. Language, Interaction and Identity*. Londres: Routledge, 1-24.
- ___ (2000). "Why should we and how can we determine the "base language" of a bilingual conversation?". *Estudios de Sociolingüística* 1(1), 129-44.

- Eco, U. (1976). *A Theory of Semiotics*. Bloomington: Indiana University Press.
- Gafaranga, J. (s/d). *The Myth of Language Separateness in Bilingual Talk: Structuralism / Normative Frameworks in Studies of Code-Switching*. Manuscrito: Linguistics Department, Lancaster University. 36 pp.
- Goodwin, Ch. (1981). *Conversational Organization: Interaction between Speakers and Hearers*. Nova York: Academic Press.
- Goodwin, M.H. (1996). “Shifting frame”. Em D.I. Slobin, J. Gerhardt, A. Kyratzis & J. Guo (eds.). *Social Interaction, Social Context, and Language. Essays in Honor of Susan Ervin-Tripp*. Mahwah (N.J.): Lawrence Erlbaum Associates, 71-82.
- Gumperz, J.J. (1964). “Hindi-Punjabi code-switching in Delhi”. Em H. Lunt (ed.). *Proceedings of the Ninth International Congress of Linguists, Cambridge, Massachusetts, 1962*. A Haia: Mouton, 1115-1124.
- ___ (1982). *Discourse Strategies*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Haberland, H. (1986). “Reported speech in Danish”. Em F. Coulmas (ed.). *Direct and Indirect Speech*. Berlin: De Gruyter, 219-53.
- Heller, M.S. (1988). “Strategic ambiguity: code-switching in the management of conflict”. Em M.S. Heller (ed.). *Codeswitching: Anthropological and Sociolinguistic Perspectives*. Berlin: De Gruyter, 77-96.
- Jakobson, R. (1959). “Overlapping of code and message in language”. *American Anthropologist* LXI (5), 139-45.
- ___ (1961). “Linguistics and communication theory”. Em R. Jakobson (ed.). *On the Structure of Language and its Mathematical Aspects*. Providence (RI): American Mathematical Society, 245-52.
- Li Wei (1998). “The ‘why’ and ‘how’ questions in the analysis of conversational code-switching”. Em P. Auer (ed.). *Code-Switching in Conversation. Language, Interaction and Identity*. Londres: Routledge, 156-76.
- Li Wei & L. Milroy (1995). “Conversational code-switching in a Chinese community in Britain: A sequential analysis”. *Journal of Pragmatics* 23, 281-99.
- Meeuwis, M. & J. Blommaert (1998). “A monolectal view of code-switching: Layered code-switching among Zairians in Belgium”. Em P. Auer (ed.). *Code-Switching in Conversation. Language, Interaction and Identity*. Londres: Routledge, 76-98.
- Myers-Scotton, C. (1976). “Strategies of neutrality: language choice in uncertain situations”. *Language* 52(4), 919-41.
- ___ (1983). “The negotiation of identities in conversation: A theory of markedness and code choice”. *International Journal of the Sociology of Language* 44, 115-36.
- Poplack, S. (1980). “Sometimes I’ll start a sentence in Spanish Y TERMINO EN ESPAÑOL: toward a typology of code-switching”. *Linguistics* 18, 581-618.
- Prego Vázquez, G. (1997). “Comprando leitugas, leitugas e lechugas. Reformulaci3ns e negociaci3n de identidades na feira”. Em *Actas do I Simposio Internacional sobre o Bilingüismo (SIB97): Comunidades e Individuos Bilingües [Universidade de Vigo, 21-25 Outubro 1997]*.
- Rampton, B. (1995). *Crossing: Language and Ethnicity among Adolescents*. Londres: Longman.

- Rodríguez Yáñez, X.P. (1995). *Estratexias de comunicación nas interaccións cliente-vendedor no mercado da cidade de Lugo: As alternancias de lingua galego/castelán e a negociación da escolla de lingua*. Tese de Doutoramento. Departamento de Linguística Geral e Teoría da Literatura, Universidade da Coruña, A Coruña.
- Woolard, K. (1999). "Simultaneity and bivalency as strategies in bilingualism". *Journal of Linguistic Anthropology* 8(1), 3-29.